

Em cada ponto... uma história

1º ano do CLB

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA



Copyright © Instituto Benjamin Constant, 2025
Em cada ponto... uma história: 1º ano do CLB – 2025
Os dados e as opiniões inseridos na presente publicação são de exclusiva
responsabilidade do(s) seu(s) autore(s).

Copidesque e revisão geral
Hylea de Camargo Vale Assis

Capa
Hylea de Camargo Vale Assis

Diagramação
Wanderlei Pinto da Motta

Organização
Curadoria do Clube do Livro em Braille

I59 **INSTITUTO BENJAMIN CONSTANT**

Em cada ponto... uma história: 1º ano do Clube do Livro em
Braille - CLB / Instituto Benjamin Constant. – Rio de Janeiro :
Instituto Benjamin Constant, 2025.
EPUB; 2 MB.

ISBN: 978-85-67485-82-9

1. Leitura. 2. Livro. 3. Clube da leitura. 4. Braille. 5.
Pessoa com deficiência visual. I. Figueiredo, Fernanda. II.
Abreu, Geni. III. Vale, Hylea. IV. Machado, Shelyda. V.
Título.

CDD – 372.4

Ficha Elaborada por Edilmar Alcantara dos S. Junior. CRB/7: 6872

Todos os direitos reservados para
Instituto Benjamin Constant
Av. Pasteur, 350/368 – Urca
CEP: 22290-250 – Rio de Janeiro – RJ – Brasil
Tel.: 55 21 3478-4458
E-mail: dpp@ibc.gov.br

LIVRO COMEMORATIVO Clube do Livro em Braille 1º ANIVERSÁRIO

Em cada ponto... uma história



Descrição: A imagem apresenta uma composição visual em formato circular, remetendo aos pontos do Sistema Braille, simbolizando o lema "Em cada ponto ... uma história". Cada círculo contém a foto de uma pessoa, autores e autoras de relatos que compõem este livro. São indivíduos com deficiência visual, membros do Clube do Livro em Braille, que compartilham aqui suas vivências, conquistas, desafios e perspectivas.

APRESENTAÇÃO

O **Clube do Livro em Braille (CLB)** nasceu no Instituto Benjamin Constant (IBC) como um gesto ousado e necessário: levar, gratuitamente, livros literários em braille diretamente às mãos das pessoas cegas em todo o Brasil. O CLB é um projeto da Divisão de Imprensa Braille (DIB), que compõe parte do trabalho desenvolvido no Departamento Técnico-Especializado (DTE) do IBC.

Idealizado por duas colaboradoras da DIB — Fernanda Figueiredo e Shelyda Machado —, desde as primeiras conversas, vimos bastante potencial no, até então, projeto, afinal, envio de livros literários para pessoas físicas sempre foi para o IBC uma grande lacuna, visto que atendemos apenas instituições públicas ou sem fins lucrativos (escolas, associações, bibliotecas). Avaliamos as possibilidades de produção: pessoal para apoio, insumos, logística para envio dos livros, organização de eventos e concluímos que seria possível. Assim, deixou de ser um projeto e passou a ser uma ação da DIB, transformando uma lacuna histórica em ação concreta, tornando-se a primeira iniciativa do gênero no país, com a missão de levar, de forma gratuita, livros em braille para as pessoas cegas de todo o Brasil, promovendo leitura, discussão e reflexão.

Então... desafio aceito, chegou a hora de fazer o lançamento em grande estilo. Escolhemos a I Feira Literária Inclusiva, realizada no IBC, no período de 17 a 20 de outubro de 2024, para anunciar a nova proposta de trabalho desenvolvida pela Divisão de Imprensa Braille: O primeiro Clube do Livro em Braille em todo o Brasil. O lançamento foi um grande sucesso. Em cinco dias, estávamos com quase 200 pessoas inscritas. O CLB conquistou centenas de associados e consolidou uma rede viva de leitura, troca e participação.

O CLB leva a seus associados de todo o Brasil, e quiçá do mundo, a liberdade para que cada indivíduo possa escolher em um catálogo trimestral, sua obra preferida, desde que opte por ser membro da comunidade do CLB no *WhatsApp*. Além disso, os membros do CLB podem participar da enquete de escolha do livro em comum – o da roda de conversa – escolhendo entre três obras para ser discutida. Dessa maneira, a cada três meses, o sócio pode receber em seu endereço, via cecograma (serviço gratuito dos correios para envio de material em braille), duas obras, totalizando no fim de um ano, oito obras. Hoje estamos com 715 sócios cadastrados. Nesse pequeno período, já realizamos *três rodas de conversa* e *cinco bate-papos com o autor*; enviamos um total de 1780 livros – 715 livros em comum e 1065 livros pedidos individuais pelo catálogo, atendendo a associados do Brasil inteiro.

O livro impresso em braille é o coração desta trajetória. O ato de ler, em muitos momentos, é individual, ocorre em qualquer momento e espaço. Ter um livro em mãos, despertam inúmeras reações e sentimentos. Tocar um livro, folhear página por página, sentir o cheiro do papel, tocar em palavras, frases, pontuações... A leitura tem um poder mágico, transforma histórias; acrescenta experiências; apresenta lugares, comidas, objetos; retorna ao passado; vive o presente; sonha com o futuro; viaja para milhares de lugares, sem precisar sair de sua poltrona favorita; internaliza conhecimentos; irrita; encanta; ensina; desperta; liberta; socializa. Inclui!

Em 2025, comemoramos dois marcos simbólicos: o 1º aniversário do Clube do Livro em Braille e os 200 anos do Sistema Braille. Nada mais significativo do que reunir essas datas nesta obra coletiva: “O Clube do Livro em Braille e a importância da leitura tátil para as pessoas cegas”, reafirmando o compromisso de tornar a literatura um território acessível, em que todos podem tocar, sentir e viver as histórias. Um livro escrito a várias mãos uma vez que a proposta foi lançada na comunidade do CLB no *WhatsApp* abrindo espaço para todos os sócios, que desejassem, enviarem textos para

participarem da seleção. Foram 27 textos enviados pela comunidade e 19 selecionados, compondo um livro que é, ao mesmo tempo, memória, celebração e futuro.

Este livro não é apenas uma coletânea de textos; ele é um abraço coletivo, feito de histórias, memórias e esperanças. Cada palavra em relevo carrega o toque e o coração de quem escreveu, formando um mosaico de experiências que transcende o papel. Ao celebrar esses marcos, reafirmamos que a leitura tátil não é apenas um caminho para o conhecimento, mas também um gesto de pertencimento, afeto e liberdade. Que cada página aqui impressa continue a inspirar, emocionar e incluir, iluminando o presente e abrindo portas para futuros ainda mais acessíveis.

Geni de Abreu e Hylea Vale

CURADORIA



Fernanda Figueiredo

Descrição: No centro de um círculo de borda azul, foto de uma mulher parda, cabelos pretos, compridos e encaracolados, usando óculos de grau e está sorrindo.

Nascida no Rio de Janeiro, casada e mãe do Miguel. Atualmente atua como Assistente Pedagógica na Fundação Cesgranrio. É formada em Pedagogia, com especialização em Psicopedagogia, Neuropsicopedagogia, Docência do Ensino Superior e Tutoria em Educação a Distância. Durante 16 anos atuou como transcritora braille no Instituto Benjamin Constant, instituição onde construiu vínculos duradouros, significativos e adquiriu aprendizados valiosos.



Geni Abreu

Descrição: No centro de um círculo de borda azul, foto de uma mulher parda, cabelos castanhos e lisos, com óculos escuros, usando uma blusa azul e está sorrindo.

Mestra em Educação Profissional e Tecnológica em 2023 pelo programa PROFEpt no Instituto Federal de Educação do Rio de Janeiro, polo Mesquita; especialista em Letramento e Alfabetização de Crianças Cegas ou com Baixa Visão, em 2014, pelo IBC/ISERJ; Licenciatura Plena em Letras em 2006 pela Universidade Estácio de Sá. Atualmente é professora do Ensino Básico Técnico e Tecnológico (Sistema Braille) no Instituto Benjamin Constant; coordena a equipe de Revisão de Textos Braille desde 2016; participa da Comissão Editorial das Revistas Braille. Faz parte dos grupos de pesquisa GEPA e GPESBRA. Representa o IBC na Comissão Brasileira do Braille (CBB/MEC), desde 2019.



Hylea Vale

Descrição: No centro de um círculo de borda azul, foto de uma mulher branca, cabelos grisalhos e curtos, usando óculos de grau e está sorrindo.

Professora de Língua Portuguesa do Ensino Básico Técnico e Tecnológico (EBTT) do Instituto Benjamin Constant (IBC). Graduada em Letras - Português/Inglês pela Faculdade Educacional da Região dos Lagos (Ferlagos); mestra em Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ); doutora em Letras pela Universidade Federal Fluminense (UFF); e estágio de pós-doutoramento em Estudos de Linguagem na Universidade Federal Fluminense (UFF). É Supervisora da Divisão de Imprensa Braille (DIB/IBC), atuando na produção de materiais especializados: livros didáticos e paradidáticos em braille e no formato ampliado. É uma das autoras da história em quadrinhos Superbraille e membro da Comissão Editorial das Revistas em Braille (DIB/IBC). É líder do Grupo de Estudos e Pesquisa em Adaptação (Gepa) e membro do Programa de Pós-Graduação em Ensino na Temática da Deficiência Visual (PPGEDV-IBC).



Shelyda Machado

Descrição: No centro de um círculo de borda azul, foto de uma mulher branca, cabelos castanhos e preso em um rabo de cavalo, usa uma blusa vermelha e está sentada à mesa, com as mãos sobre um texto em braille.

Atualmente é colaboradora na Divisão de Imprensa Braille do Instituto Benjamin Constant como revisora braille. Sua trajetória profissional é marcada pelo compromisso com a inclusão e a educação especial. Iniciou no projeto Jovens pela Paz, atuando como estagiária na Biblioteca do Estado, no setor Braille, como auxiliar de bibliotecária. Posteriormente, foi transferida para o CAP – Centro de Apoio Pedagógico à Pessoa com Deficiência Visual, onde desenvolveu o aprendizado de revisar textos em braille, auxiliando também na reabilitação de crianças e adolescentes por meio da informática, soroban e braille. Participou do primeiro curso de revisão de textos em braille, realizado no Instituto Benjamin Constant, o que marcou de forma significativa sua formação. Atuou na Associação Niteroiense de Deficientes Físicos (ANDEF), sendo a primeira funcionária cega na função de telefonista, e na Secretaria Municipal da Pessoa com Deficiência do Rio de Janeiro (SMPD), onde atuou na revisão braille e na reabilitação de pessoas com deficiência visual. Atualmente, cursa Pedagogia para ampliar sua atuação no futuro, lecionando em sala de aula ou em sala de recursos. É uma apaixonada pela educação especial e segue motivada a transformar vidas por meio da inclusão, da reabilitação e do acesso ao conhecimento.

Com a colaboração de...



Ana Beatriz de Abreu Rangel

Descrição: No centro de um círculo de borda azul, foto de uma mulher branca, cabelos castanhos e lisos, sorrindo.



Juliana Gonçalves da Costa

Descrição: No centro de um círculo de borda azul, foto de uma mulher branca, cabelos pretos com luzes, compridos e lisos, sorrindo.



Marcia Oliveira Magalhães

Descrição: No centro de um círculo de borda azul, foto de uma mulher branca, cabelos pretos e curtos.

PREFÁCIO

O prazer da leitura não conhece barreiras, mas a realidade das pessoas cegas sempre trouxe desafios que, muitas vezes limitavam o acesso a esse universo rico e transformador. É justamente para romper essas barreiras que nasce o **Clube do Livro em Braille**, um espaço de descoberta, aprendizado e conexão.

Ao longo destas páginas, encontramos relatos que celebram a força da leitura tátil, a magia dos pontos que formam palavras e histórias, e o impacto que o acesso a livros em braille pode ter na vida de quem não enxerga.

O Clube do Livro em Braille não é apenas um espaço de acesso à literatura. É um ponto de encontro, de troca, de descobertas e de sonhos. É uma ponte que conecta histórias, pessoas e possibilidades. Cada relato aqui apresentado evidencia que ler em braille é muito mais do que decodificar sinais: é tocar mundos, sentimentos e culturas, é existir plenamente por meio da escrita e da leitura.

Celebrar o primeiro aniversário do Clube do Livro em Braille é celebrar muito mais do que datas ou livros; é celebrar vidas transformadas, experiências compartilhadas e a potência da leitura tátil como instrumento de liberdade, inclusão e empoderamento. Este livro comemorativo é uma homenagem a cada pessoa que, ao longo deste primeiro ano, tocou as letras, percorreu páginas em relevo e descobriu mundos inteiros apenas com a ponta dos dedos.

Aqui, leitores e leitoras encontram o prazer da descoberta, o encantamento da narrativa, a profundidade da reflexão e o afeto da comunidade. Cada livro lido, cada história tocada, contribui para fortalecer vínculos, estimular a imaginação, ampliar o conhecimento e despertar a criatividade.

Neste primeiro ano, aprendemos que ler em braille é tocar o mundo, compreender a si mesmo, interagir com o outro e ressignificar a própria vida. É sentir o prazer de desvendar palavras, viajar por histórias, construir memórias e desenvolver pensamento crítico. É também reconhecer que, apesar do avanço tecnológico, nada substitui o contato direto com as letras e a autonomia que ele proporciona.

Este livro é um testemunho das vozes, experiências e histórias de quem faz parte do clube. Ele reúne relatos de superação, descobertas e pertencimento. Experiências de quem sente, lê e vive a literatura em braille. Cada página é um convite para tocar, sentir, refletir e se inspirar, reafirmando a importância da leitura tátil como pilar da inclusão e valorização cultural.

Ao folhear estas páginas, esperamos que cada leitor sinta o entusiasmo, a alegria e a transformação que o Clube do Livro em Braille proporcionou ao longo do seu primeiro ano. Que este livro seja um marco da resistência, da literatura e da comunidade, celebrando não apenas o braille, mas o poder das pessoas que, juntas, fazem a diferença.

Fernanda Figueiredo

SUMÁRIO

1	O Clube do Livro em Braille e a importância da leitura tátil para as pessoas cegas <i>Adejaime Miranda</i>	15
2	Pontos de vida <i>Ana Paula Alves de Oliveira</i>	16
3	Uma conquista coletiva <i>Carla Maria de Souza</i>	18
4	Ler em braille é tocar o mundo com a ponta dos dedos <i>Carlos Henrique da Silva Oliveira</i>	21
5	Leitura <i>reborn</i> <i>Cristian Evandro Sehnem com apoio e inspiração de Juliana Dornelles de Souza</i>	24
6	Depoimento para o Clube do Livro em Braille <i>Diego José Maciel Mendes</i>	29
7	A importância do Clube do Livro em Braille para as pessoas cegas <i>Eidi Altamira Machado de Oliveira</i>	31
8	Braille ainda importa <i>Enzo Gabriel Fraga da Silva Grillo</i>	32
9	A leitura e o braille na minha vida <i>Gisele Braz</i>	35

10	Entre livros e malas de viagem <i>Isabela Rocha Eugênio</i>	38
11	O Clube do Livro em Braille <i>Josiane Barbosa</i>	40
12	Poucas letras, muitas histórias <i>Luzia Lima</i>	41
13	O Clube do Livro em Braille e a importância da leitura tátil para as pessoas cegas <i>Marcos Vinícius Amaral Coelho</i>	43
14	O Clube do Livro em Braille e a importância da leitura tátil para as pessoas cegas <i>Mariana Rodrigues Correia</i>	45
15	Clube do Livro em Braille: a incrível magia de pertencer <i>Natália Medeiros</i>	49
16	Por que o Clube do Livro em Braille faz a diferença? <i>Shelyda Machado da Silva</i>	51
17	Clube do Livro em Braille <i>Sirlene Caxias da Costa</i>	53
18	A importância da leitura do Sistema Braille e a experiência do Clube do Livro em Braille <i>Tainara Batista</i>	55
19	O Clube do Livro em Braille <i>Vitória Aparecida Dauri de Moraes</i>	57

O Clube do Livro em Braille e a importância da leitura tátil para as pessoas cegas



Adejaime Miranda

Descrição: Fotografia de um homem branco, cabelos grisalhos e curtos, usando uma camisa vermelha.

“...um ponto, dois pontos, três pontos não faz (*sic*) mal...”

Essa música é uma provocação ao time adversário, mas, assim como no esporte, no braille um ponto faz significativa diferença! Estou aprendendo o alfabeto braille e me encantando com a magia da representatividade de cada ponto sobre a cela.

Criado em 1825 pelo francês Louis Braille, cuja versão mais conhecida é a de 1837, esse sistema universal de escrita e leitura é o que nos possibilita, cegos e baixa visão, uma viagem pelo universo da leitura por meio da linguagem tátil.

Aproveitando para agradecer e parabenizar o Clube do Livro em Braille (CLB) pelo primeiro aniversário, ressaltando o magnífico trabalho de divulgação e distribuição de livros de diversos títulos e autores, inteiramente gratuitos, possibilitando-nos o conhecimento na ponta dos dedos.

Parabéns e muito obrigado, CLB e membros.

Minibio: Nasceu em 22/12/1961, em Franca/SP. Bancário aposentado. Pessoa com deficiência visual.

Pontos de vida



Ana Paula Alves de Oliveira

Descrição: Fotografia de uma mulher branca, cabelos escuros, segurando um cachorro marrom.

No princípio, era um mistério, uma incógnita, quase uma abstração. A menina, que ainda está aqui em algum lugar, sentava-se no chão, cruzava as perninhas e colocava – ora a Bíblia enorme de sua avó, ora a enciclopédia que havia em sua casa – sobre elas e, com as pontas dos dedos, página por página, lançava uma porção de perguntas que não eram respondidas.

Depois veio a escola e houve luz; luz que a menina percebia quando tocava os seis pontos, combinados de sessenta e três formas diferentes pelo genial Louis Braille. Então, o que parecia inatingível se tornou uma das coisas mais importantes na vida da menina. Para ela, os livros eram muito mais do que diversão ou conhecimento; livros eram seus companheiros, seus amigos inseparáveis.

Como os colegas cegos achavam que ela "parecia com quem enxergava" e os que enxergavam só viam a sua deficiência, a leitura passou a ser seu par constante, preenchendo o vazio da solidão com histórias repletas de aventura, romance e mistério.

Ler, para ela, era aprender, viajar, conversar, fugir. Ler, para ela, era esperança, era sonho, era liberdade. Com os livros, ela cresceu, se desenvolveu, voou.

A menina deu lugar à moça, que deu lugar à mulher. Vieram casamentos e filhos.

Os livros ganharam novos formatos, em áudio e digital. Contudo, aquele contato simbiótico entre texto/leitor, sem interferência de qualquer natureza e sem que nada escape a quem lê, isso só o braille pode proporcionar à pessoa com deficiência visual. E esta que hoje sou, esteve privada dessa delícia por muito tempo, até que alguém me falou do Clube do Livro em Braille do Instituto Benjamin Constant. O clube, além de me devolver a oportunidade da leitura tátil, tão fundamental e necessária, oferece a chance de aprofundar meu aprendizado nas rodas de conversa *on-line*. O trabalho desenvolvido pelo CLB tem relevância cultural e educacional inestimável.

O clube tem uma curadoria impecável e diversa, oferecendo um "cardápio" com "finas iguarias" que abrange desde os clássicos de Homero e Shakespeare, passando pela literatura moderna de Guimarães Rosa, até a contemporaneidade das "escrevivências" de Conceição Evaristo. Os livros infantis, seja para que as crianças cegas leiam, seja para que os pais cegos possam ler para seus filhos, também estão lá. Importante ressaltar que livros escritos por autores com deficiência visual também são produzidos e ofertados pelo CLB, o que não apenas divulga e valoriza o trabalho desses escritores, como também destaca a importância da representatividade.

Aquele que lê experimenta a liberdade, experiencia a mudança, ultrapassa limites. Bem-aventurados são aqueles que dedicam seu tempo, disposição e energia para que cada vez mais pessoas sejam transformadas pelo poder imensurável da boa literatura.

Minibio: Nasceu em Curvelo (MG), em 13 de fevereiro de 1981. Aos seis meses de idade, foi diagnosticada com cegueira total em ambos os olhos. Quando completou oito anos, foi matriculada na Escola Estadual Instituto São Rafael, situado em Belo Horizonte (MG), onde cursou, em regime de internato, os sete primeiros anos do ensino fundamental. Assim que foi alfabetizada, começou a ler e não parou mais. Em 2022, pôde finalmente realizar o sonho de fazer o Curso de Letras, concluído em 2024. Como toda pessoa com deficiência visual, teve de enfrentar inúmeros desafios para estudar, cuidar da casa e dos filhos, exercer plenamente a profissão que escolheu; porém, parafraseando Dorina Nowill, ela diz: "eu venci assim mesmo"! Em toda essa trajetória, o braille foi seu maior e mais constante aliado.

3

Uma conquista coletiva



Carla Maria de Souza

Descrição: Fotografia de uma mulher negra, cabelos curtos, vestindo uma blusa lilás. Ela está em pé e, atrás, uma paisagem com mar e algumas árvores.

Não havia nada que me incomodasse mais do que aquela frase feita: “A desbarrilização é uma realidade que ninguém vai mudar”.

Penso que um professor nunca pode aceitar que não vai mudar realidades e, quando falo de mudar realidades, não estou falando de virar herói de filme daqueles que sempre passam no Dia do Professor. Estou falando de coisas bem mais rotineiras como fazer alguém entender que é capaz de preencher um documento; dar condições a um surdo de se comunicar, até mesmo com quem não sabe LIBRAS; orientar uma pessoa cega para que se locomova com autonomia; alfabetizar o homem do campo etc.

Com certeza, todos nós seremos capazes de nos lembrar de professores que contribuíram para que entendêssemos que precisávamos fazer mudanças em nossas vidas, cada um colocando um tijolo nessa construção que é a vida dinâmica. A mudança real é responsabilidade nossa, porém aqueles que nos educam auxiliam nesse processo.

A literatura é, a meu ver, uma forma de distrair, entreter, ensinar, modificar pensamentos, reforçar ideias, educar, informar e, consequentemente, formar.

Pensando em tudo isso, não houve como eu não ficar empolgada com a ideia de um clube do livro onde poderíamos ter obras em nosso sistema de escrita em oposição àquela frase que tanto me incomoda. Trocar ideias sobre os livros lidos, trocar livros exercitando o desapego e até, por que não, passar livros a pessoas que, pela falta de acesso à tecnologia básica, não puderam se inscrever no clube.

Gente, não vai aqui nenhuma crítica. Acho que o pessoal teria muitas dificuldades para organizar tudo por sistemas como cartas, por exemplo. Fato é, no entanto, que ainda não temos nem mesmo o *WhatsApp* como uma realidade de todos, embora devamos reconhecer que ele é bastante popular. Como conheço quem não saiba usá-lo e nem utilize *e-mail*, repasso meus livros depois de lidos para essas pessoas. Nesse caso, elas têm de se contentar com as minhas preferências literárias. É o que tem para hoje.

Parece que está agradando, então, vamos em frente.

Assim, em seus 200 anos de existência, o braille vai encontrando novas formas de mudar realidades, e o Clube do Livro em Braille é um apoio e tanto nessas mudanças, inclusive com as *lives* que mostram ao público em geral que a pessoa cega participa, lê, escreve, tem opinião e pensamento.

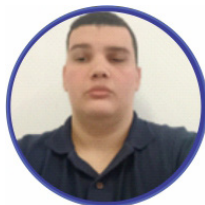
Muitos anos de vida ao nosso CLB, trazendo alegria aos brailistas e aumentando o seu número. Parabéns a todos que acreditaram nessa iniciativa e àqueles que sempre apostam naquilo que garanta cidadania a algum segmento social, como é o caso do Sistema Braille.

Depois de feita uma conquista, ela não pode ser abandonada. Ainda queremos correr nossos dedos por muitas páginas, viajar e nos deliciar com muitos livros disponibilizados pelo nosso clube.

E assim será. Só depende de nós.

Minibio: Carla Maria de Souza é professora aposentada do Instituto Benjamin Constant, onde atuou por 25 anos. Cega desde os 15 de idade, sempre buscou utilizar o Sistema Braille ao máximo e assume que gostaria de ter sido aluna do mesmo instituto onde trabalhou e que nunca frequentou como estudante. É favorável à educação de crianças cegas em escolas especializadas ou, no mínimo, em turmas especializadas até o quinto ano, pois acredita que as crianças cegas, como qualquer criança, precisam de espelhos, outros cegos adultos com quem possam conviver para se reconhecerem integrantes da sociedade. Adora escrever e é defensora fervorosa do Sistema Braille como identidade da pessoa cega.

Ler em braille é tocar o mundo com a ponta dos dedos



Carlos Henrique da Silva Oliveira

Descrição: Fotografia de um homem branco, cabelo preto e curto, usando uma camisa preta.

Desde os meus primeiros meses de vida, minha mãe percebeu que minha visão não era como a dos meus primos. Ela procurou rapidamente um médico para saber se eu tinha alguma deficiência e fui diagnosticado como uma pessoa com deficiência visual. No entanto, minha mãe nunca encarou isso como um problema. Pelo contrário, sempre buscou me proporcionar uma vida o mais normal possível.

Desde quando eu era bebê, ela já lia para mim. Esse carinho e dedicação despertaram em mim o amor pela leitura, que cresceu junto comigo. Naquela época, não conhecíamos o Sistema Braille, o Instituto Benjamin Constant, nem outras formas de tornar a leitura acessível.

Lembro que, por volta dos cinco ou seis anos, minha mãe lia a Bíblia para mim, especialmente o livro de Jó, além de livrinhos infantis com histórias bíblicas. Nessa mesma fase, comecei a demonstrar curiosidade sobre o mundo ao meu redor. Então, ela passou a comprar jornais e lia as manchetes para mim. Quando eu me interessava por algum tema, ela lia a notícia completa.

Quando comecei a frequentar o Instituto Benjamin Constant e finalmente aprendi a ler em braille, foi como se um novo mundo se

abrisse diante de mim. Embora eu gostasse muito de ouvir minha mãe lendo, percebi que poderia ter independência e mergulhar sozinho nas leituras. Eu adorava quando as professoras do IBC passavam trabalhos que envolviam leitura. Lembro até hoje de ter lido os livros *O Gênio do Crime* e *O Mistério do Cinco Estrelas*. Eu amava as discussões que a turma fazia sobre os livros, direcionadas pela professora Maria Helena, que sempre me incentivou a ler cada vez mais, assim como outros professores do Instituto.

Ao me formar no IBC, passei a estudar em uma escola regular e infelizmente perdi o acesso fácil a materiais em braille. Na maioria das escolas, a acessibilidade ainda não é uma realidade. Passei, então, a depender cada vez mais da tecnologia para continuar lendo os romances, que já me cativavam naquela época. Comecei a ler livros em PDF com o auxílio de leitores de tela e também a ouvir *audiobooks*, mas, ainda assim, sentia saudade do braille, pois o contato dos dedos com o livro físico é incomparável.

Com o tempo, me formei no ensino médio e na faculdade, mas a vontade de voltar a ler livros em braille sempre esteve presente. Foi então que tive a felicidade de descobrir a criação do Clube do Livro em Braille, uma iniciativa que busca proporcionar literatura gratuita e de qualidade para pessoas cegas.

Imediatamente, fiquei muito feliz e corri para contar a novidade aos amigos mais próximos. Finalmente eu poderia voltar a ler em braille! E, como não poderia ser diferente, o primeiro livro que solicitei para chegar à minha casa foi *Senhora*, de José de Alencar. Afinal de contas, sou um romântico incorrigível.

Foi maravilhoso voltar a ter o livro em mãos, sentir as páginas em relevo e fazer parte de um grupo de discussão literária com pessoas que compartilham dos mesmos interesses que eu. O Clube do Livro em Braille é muito mais do que uma simples iniciativa de distribuição de livros: é um movimento de valorização das potencialidades da pessoa cega.

Afinal, quem disse que não podemos ler? Quem disse que somos incapazes de obter conhecimento ou de expressar nossas opiniões? Quem definiu que o acesso à literatura deve ser restrito a quem enxerga? Por que tantos ainda acham que pessoas cegas não têm interesse por leitura, arte ou cultura? Por que o braille, um sistema tão poderoso, ainda é invisibilizado por muitos? Essas são perguntas que precisam ser feitas e respondidas com ações concretas.

Esse clube busca dar visibilidade ao braille e nos estimular ao contato direto com as letras. Somente por meio do braille é possível que o cego aprenda, de maneira correta, a ler e a escrever. E isso muda tudo.

Muitas pessoas insistem na tecnologia como forma principal de incluir pessoas cegas na educação. De fato, a tecnologia é bem-vinda e facilita, e muito, a nossa vida. No entanto, não poderia encerrar este texto sem salientar a importância do Sistema Braille. Um cego que não sabe ler em braille é, na prática, um analfabeto: não consegue ler as informações de uma caixa de remédio, não pode acessar um livro por conta própria e torna-se ainda mais dependente de outras pessoas e da tecnologia. Precisamos buscar o máximo de independência possível e entender que o braille continua sendo fundamental, não importa o quão desenvolvidas estejam as tecnologias de inclusão. O braille ainda é, e sempre será, um instrumento essencial de liberdade e dignidade para quem não enxerga. Essa necessidade de dar visibilidade ao braille faz com que o CLB seja de vital importância para a valorização do Sistema Braille no Brasil.

Minibio: Nasceu em Paracambi, Rio de Janeiro, no ano de 1999, onde reside atualmente. É ex-aluno do Instituto Benjamin Constant e do Colégio Pedro II. Formou-se em Licenciatura em História pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e atualmente é seminarista no Seminário Batista Livre (SBL). Também é aluno do Curso Técnico de Revisão de Textos no Sistema Braille, oferecido pelo Instituto Benjamin Constant.

5

Leitura *reborn*



Cristian Evandro Sehnem

com apoio e inspiração de Juliana Dornelles de Souza

Descrição: Fotografia de um homem branco, magro e calvo, usando óculos escuros, sentado à mesa. Ele veste uma camisa de manga comprida com listras horizontais em tons de azul, cinza e branco. O homem está tocando um livro em braille que está aberto à sua frente sobre a mesa. A cena é em um ambiente interno com fundo branco.

Lembro como se fosse ontem do dia em que eu nasci. O toque das mãos que me acolheram e carregaram é que me despertou para a vida. Mãos quentes, cuidadosas e seguras, me receberam, agasalharam e me acomodaram junto de meus irmãos. Eu sequer fazia ideia ainda de todo o sentimento e valor do contato na pele. Nós não entendíamos nada, éramos frágeis e alienados de tudo o que existia e significava ao redor.

Sensação marcante daqueles dias também foram os sons de quem me cuidava. Sons amorosos, graves, agudos, sérios, rápidos, longos e de muito mais jeitos, que não demorou muito para eu entender que eram palavras. Nossa, como fiquei encantada com as palavras e com a variedade delas! A todo instante, eu e meus irmãos descobrimos uma palavra nova, com uma facilidade imensa, e ficávamos repetindo-as sem parar de um para o outro! Puxa, éramos tão ingênuos que sequer imaginávamos que aquilo tudo na verdade era a essência de nossas vidas, já gravado até em nossos corpos!

Certo dia começamos a entender a palavra "outubro". Mas o que significaria outubro, palavra tão diferente? Logo alguém falou "mês", depois "2024", pouco após "ano", e então alguém gritou "data"! Óbvio, "outubro de 2024" era a data em que estávamos, o mês e o ano do tempo em que vivíamos!

Os dias e noites tornaram-se mais poéticos. O calor do Sol se intensificou, e a Lua e as estrelas nos trouxeram sonhos ainda mais incríveis. Embora eu, às vezes, tenha dificuldade para compreender quando mencionam esse sujeito misterioso chamado tempo, ora se referindo ao relógio, outras ao passado ou futuro, ou aos sentimentos e paixões...

Quando notei que a palavra “nome” podia ser dita de um jeito diferente, me emocionei demais. Eu e meus irmãos já sabíamos que um nome era importante, e que tudo ao redor tinha um: água, papel, sala, passarinho e tantas mais. Acontece que, num certo dia, notamos alguns de nós serem chamados por nomes diferentes e ficamos bem curiosos. Se os nossos nomes eram “livros”, por que as pessoas eventualmente usavam palavras a mais para identificar apenas um ou outro de nós? Foi maravilhoso compreender que além desse também havia outro nome: um mais especial, carinhoso, particular. Eu fiquei tão, tão emocionada quando descobri que eu era uma menina e que o meu nome especial era *Ponciá Vicêncio*! Nossa, me senti tão eufórica e ímpar, leve, mas sem chão, como se eu entendesse tudo e caísse no infinito ao mesmo tempo!

Logo em seguida, em outro instante sem fim, também compreendi, ainda no embalo da emoção, que foi a partir de um ser além de mim que nasci, vim a luz e fui criada. Imaginei as palavras e frases da minha pele tornando-se sons e novos seres no ar, cheias de vida e emoção... E então descobri a palavra que lhe dava todo o significado, “mãe”, cujo nome dedicado a mim era “Conceição Evaristo”!

Porém, aquelas mãos sempre tão acolhedoras e cuidadosas de repente me separaram dos meus irmãos. Atordoada, de um instante para o outro fui levada à dúvida e à solidão. “Por que fizeram isto? O que farão comigo?”

Viajei por dias e caminhos jamais imaginados. Percorri lugares e histórias que ainda hoje custo a acreditar. Quilômetros sem fim, sacolejando ora para a frente, ora para a esquerda, ora para a direita,

até mesmo para os ares mais altos e para os abismos tão profundos que davam frios congelantes na barriga.

O tempo passava. Houve dias que eu sequer sabia se reinava o Sol ou a Lua. Só o que me restava era esperar e pensar. Até que, de repente, não sei bem como nem de onde, ouvi a voz de um irmão meu, distante, incerto:

— Oi, por acaso tem mais algum livro em braille aqui?

Custei a acreditar, a ter certeza. “Será que ouvi mesmo ou estou imaginando?” E quando eu ia responder, quase chorei ao ouvir, do outro lado, mais um irmão. E em seguida, uma irmã também, com a voz tímida e insegura, lá do lado oposto.

Juntos e menos assustados, tentamos entender o que estava acontecendo. Pensamos, falamos, relembramos, observamos, refletimos. Então a irmã lembrou que, pouco antes da viagem, uma mão delicada a agasalhou melhor e acrescentou novas palavras em si, e dizia:

— Criciúma/SC!

Ao ouvir isso, o irmão que perguntou se havia mais de nós por ali se deu conta de que fizeram o mesmo com ele, mas as palavras que colaram nele diziam:

— Porto Alegre/RS!

Então o outro irmão repetiu a sua história e, nele, os nomes colados eram:

— Santa Maria/RS!

Me dei conta que comigo também foi assim e, num estalo, gritei exaltada em meio ao ronco do motor e buracos na estrada:

— Estas são as cidades para aonde estão nos levando! E a minha é Santa Cruz do Sul/RS!

Poucos dias depois, o turbilhão da viagem acabou. Eu soube porque as mãos que me receberam, entre as tantas mãos diferentes

pelas quais passei, logo me libertaram do agasalho de plástico, que me protegia bastante, mas sufocava um pouco também. Elas acarinharam minha capa, as primeiras páginas, palavras e frases. Era nítida a atenção e o encanto que sentiam, tateando e absorvendo intensamente cada uma das minhas letras em relevo.

O sol primaveril brilhava intensamente naquela tarde, entrando bem a oeste por uma ampla porta de sacada e aquecendo todo o sofá e sala onde estávamos. Logo senti uma suave e gostosa fragrância de tabaco, o que me fez desconfiar que aquelas mãos fossem de fumantes, mas dias depois descobri que a arborizada e florida cidade com 140 mil habitantes era uma grande produtora e processadora da planta.

Eu cumpria a minha missão, todo o dia era lida, mas ainda assim me sentia sozinha. É que após me despedir do último irmão na viagem, que seguiu para Santa Maria, nenhum outro livro em braille encontrei. O homem que me recebeu era atencioso, interessado, e tinha uma companheira: com ele vivia uma jovem querida e sorridente de mãos macias e voz cativante. Eu me divertia ouvindo o jeito cantado e as palavras diferentes que eles diziam a todo o instante, como “bah”, “capaz” e “tchê”! O nome dela era Juliana, o dele, Cristian, e eles só se separavam para estudar ou trabalhar.

Lá pelo segundo ou terceiro dia, me situando ainda no novo lar, tive a impressão de ouvir vozes familiares. Eu frequentava os sofás da sala, a escrivaninha do quarto de trabalho, a cama de casal e, certa vez, até peguei um ar gelado na sacada (com o Cris e a Ju, tranquilos, de mangas curtas). Mas tive um arrepio forte de verdade quando, depois de terminar a leitura, o Cris mudou o trajeto que costumava fazer comigo, indo na direção de uma grande estante de madeira que havia na sala. Ali, ele abriu duas portas de vidro e, imediatamente, ficaram nítidas as vozes familiares que eu pensava ter ouvido dias antes. Dentro, em uma prateleira larga e alta, estavam

enfileirados vários irmãos e irmãs minhas, livros em braille como eu, mas com diferentes nomes e idades, que conversavam alegremente e, ao me verem, gritaram e vibraram demais. Eu, tão emocionada, tão arrepiada, tão feliz, nem consegui responder na hora: apenas abri o coração e me entreguei aos carinhos, vozes e toques do amor fraterno!

Minibio: Técnico em Educação na Coordenadoria de Tecnologia Educacional (CTE) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Kursou Pedagogia com ênfase em Educação Especial (UNISC, 2010) e Mestrado em Políticas Públicas e Gestão Educacional (UFSM, 2018). Perdeu a visão em 1996 e, desde então, estuda e trabalha pela inclusão social de pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida, participando de associações, conselhos, projetos sociais e acadêmicos, governamentais, empresariais e outros, com foco em políticas públicas de acessibilidade, tecnologia assistiva, ação afirmativa, desenho universal, audiodescrição, cartografia tátil.

Depoimento para o Clube do Livro em Braille



Diego José Maciel Mendes

Descrição: Fotografia de um homem branco, calvo, usa camisa vermelha e está sorrindo. Ele, sentado à mesa, segura um livro do CLB.

Sou Diego José Maciel Mendes, tenho 31 anos e sou uma pessoa com deficiência visual. Fui alfabetizado em braille e, desde então, a leitura se tornou parte fundamental da minha vida. Mesmo com toda a modernidade dos dias de hoje, com tecnologias que facilitam muito a vida de pessoas com deficiência visual, continuo encontrando no braille algo único e insubstituível; o prazer do toque que transforma palavras em sentimentos, ideias e descobertas.

Fazer parte do Clube do Livro em Braille representa muito mais do que ter acesso à leitura; representa fazer parte de um grupo, de uma comunidade que compartilha saberes, experiências e amizades. Cada livro que recebo em casa carrega um mundo dentro dele e, ao explorá-lo com as mãos, mantenho viva não só minha memória, mas também minha autonomia e meu amor pela leitura.

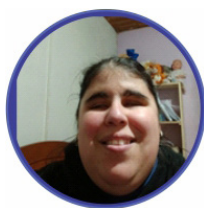
A leitura tátil me ajuda a manter a mente ativa e focada, num tempo em que tudo parece apressado e digital. Ela me reconecta comigo mesmo e com o mundo. É por meio do braille que me sinto incluído, pertencente, participante de algo maior. É uma forma concreta e sensível de dizer: “Eu estou aqui; faço parte disso”.

O clube me proporciona afeto e troca com outras pessoas que, assim como eu, enxergam a vida com o coração. Cada nova amiza-

de que nasce nesse espaço é um capítulo especial da minha própria história. Sou muito grato por essa oportunidade de viver a leitura de maneira plena. Para mim, ler em braille é mais do que um hábito — é um direito, uma alegria e uma forma de continuar sonhando com os olhos da alma.

Minibio: Nasceu em 19 de outubro de 1993 e mora em Caçador, Santa Catarina, Brasil. Tem 31 anos. É pessoa com deficiência visual desde a infância, consequência de meningite aos 2 anos de idade. Apesar dos desafios, sempre encontrou na leitura uma forma de viajar, sonhar e aprender — tudo sem sair de casa. É pedagogo e também enxadrista — o xadrez é uma das suas grandes paixões, em que exercita o raciocínio, a estratégia e a concentração. Tem uma página no *Facebook* chamada **Ser Cego**, onde compartilha reflexões, experiências e conteúdos relacionados à deficiência visual, com o objetivo de conscientizar, informar e inspirar outras pessoas. É uma pessoa alegre, comunicativa e adora fazer novas amizades. Gosta de viver a vida com leveza e entusiasmo.

A importância do Clube do Livro em Braille para as pessoas cegas



Eidi Altamira Machado de Oliveira

Descrição: Fotografia de uma mulher branca, cabelos pretos e presos, usa uma blusa preta e está sorrindo.

Sou usuária do Sistema Braille e, para mim, o Clube do Livro em Braille é de suma importância, pois dá acesso a nós, pessoas cegas, a livros em braille. O acesso a livros tanto literários quanto didáticos é quase inviável. Mas, graças ao clube do livro, esta história vem mudando. Como mencionado anteriormente, está promovendo a literatura para nós, pessoas com sede de ler. De mais a mais, a leitura vai além dos pontos em relevo, promove a cultura, ajuda na ortografia além de promover, de fato, a inclusão social. Só assim podemos ser inseridos na sociedade de uma forma igual. Parabéns a toda equipe do Instituto Benjamin Constant!

Minibio: Mora no Rio Grande do Sul. É uma pessoa totalmente cega devido ao seu nascimento prematuro. Cursa Letras, está no 4º semestre e é usuária do Sistema Braille. Procura ler sempre que possível e também já tem um texto publicado na revista *Carbon*. Ficou muito feliz com a oportunidade de poder contribuir com o CLB, pois é muito grata a esse projeto que tanto bem faz às pessoas cegas.

Braille ainda importa



Enzo Gabriel Fraga da Silva Grillo

Descrição: Fotografia de um homem pardo, cabelos castanhos e curtos, vestindo camisa preta de manga comprida.

O Sistema Braille no Brasil, apesar de ser algo muito importante para o acesso das pessoas cegas à leitura, atualmente enfrenta desafios relacionados à sua praticidade. Por essa razão, muitas pessoas com deficiência visual acabam migrando, em algum momento, para a leitura digital, buscando maior velocidade e praticidade, especialmente nos estudos.

Um grande problema do braille é seu formato físico, que ocupa mais espaço do que a escrita em tinta. Por ter caracteres maiores, muitos livros escritos no sistema precisam ser divididos em várias partes, que variam de acordo com o tamanho do texto. Isso faz com que, facilmente, uma única obra ocupe uma estante inteira — e aqui não falo de quantidade de livros, mas sim das suas partes.

Outro ponto que acredito afastar as pessoas do braille é a limitação de obras disponíveis. Quando olhamos para os livros em formato eletrônico, temos uma infinidade de títulos à nossa disposição para ler a qualquer hora e quantas vezes quisermos. Já quando observamos o cenário das obras no sistema, percebemos uma quantidade restrita de material. Somada a isso, há toda uma logística envolvida na produção desses materiais, que é cara e possui um sistema de distribuição ainda limitado.

Um equipamento que ajudaria a resolver essas questões seria a linha braille — um dispositivo que proporciona ao leitor cego a leitura tátil de maneira digital, solucionando o problema físico dos materiais em braille e ampliando o acesso a conteúdos variados. No entanto, esse tipo de equipamento é muito caro e, infelizmente, a grande maioria das pessoas com deficiência visual não tem acesso a ele.

Por essa razão, precisamos pensar em políticas públicas que contribuam para a redução dos custos desses dispositivos, tornando-os acessíveis às pessoas cegas que não têm condições de adquiri-los. Com equipamentos mais baratos, teríamos mais acesso à leitura tátil, ampliando o leque de possibilidades para a pessoa cega no universo literário — um mundo pelo qual sou apaixonado.

Mesmo com toda a tecnologia que temos hoje, é de muita importância promover e estimular a leitura e a escrita tátil. Infelizmente, no Brasil, o hábito da leitura está se tornando cada vez mais raro, e isso impactará profundamente as novas gerações.

Ler é um ato político, pois, por meio da leitura, o cidadão adquire uma visão crítica do mundo. Em um livro, ele aprende com diversos autores — vivos e mortos — e tem a chance de viajar por diferentes mundos e refletir sobre problemas que podem ajudá-lo a enfrentar os seus próprios.

O Clube do Livro em Braille (CLB) do Instituto Benjamin Constant (IBC) é de extrema importância para a promoção da leitura nesse sistema. Um dos grandes desafios era o acesso limitado às obras, principalmente por parte de pessoas que não estão inseridas em escolas, bibliotecas ou associações. É claro que o clube não resolve todos os problemas do Sistema Braille no Brasil, mas contribui de forma positiva para a sua valorização e fortalecimento. Espero que mais instituições que produzem materiais em braille se inspirem na iniciativa e que, no futuro, surjam outros clubes do livro nos quais possamos nos inscrever.

Eu poderia não ter me inscrito no CLB. Hoje, o braille não tem mais o mesmo peso de necessidade que teve anos atrás na minha vida, mas gosto do sistema — e foi por isso que resolvi participar. Ler um livro digital é muito bom, mas poder segurar um livro físico nas mãos e sentir os diferentes volumes é algo muito interessante. No eletrônico, acabamos perdendo essa noção tão concreta do tamanho e da estrutura do livro.

Desde que aprendi o Sistema Braille, gosto de escrever nele. Tanto que, como *hobby*, transcrevo textos do meu *notebook* para o sistema. Atualmente, tenho uma caixa cheia de “Dominus” (um sistema de RPG de mesa) transcritos para o braille. Assim, treino a escrita e produzo material para praticar a leitura.

Ler livros em braille, para mim, não é apenas ter acesso ao conhecimento, mas também um ato prazeroso. Ver minha biblioteca física crescendo é algo muito empolgante. Por mais que eu tenha uma grande biblioteca digital, poder sentir os livros na estante é uma sensação muito gostosa. Enquanto houver dedos que queiram ler o mundo, o braille continua vivo — e valioso!

Minibio: Cursa Pedagogia na Faculdade de Ciências e Letras Dom Bosco, em Resende – RJ. Também estuda inglês pelo Portal da Deficiência Visual, com o professor Wagner Maia; escrita criativa no curso Caminho do Escritor, de Vilton Reis; e informática e produção de conteúdo com Leandro Maruci. Também é escritor e desenvolve alguns contos que pretende publicar em breve. Gosta especialmente de escrever histórias de fantasia, ficção científica e terror. Além disso, produzir textos com caráter instrutivo, principalmente sobre audiodrama e escrita criativa.

A leitura e o braille na minha vida



Gisele Braz

Descrição: Mulher negra, cabelos pretos e encaracolados, sorrindo.

Recordo-me de ter chegado no Instituto Benjamin Constant, aos meus 7 anos. Era muita insegurança e medo incluído, até porque vim de um colégio muito ruim.

Minha mãe, quando eu tinha por volta de uns cinco anos, me colocou no colégio CIEP Donga, porque meus irmãos estavam estudando, e eu ficava muito sozinha. Mas, por fim, não adiantou de nada. Crianças arrancavam meus óculos, a professora não dava muita importância e era a mesma coisa do que eu estar sozinha em casa. Minha mãe se desesperou quando eu pedi implorando para que me tirasse do colégio.

Quando criança, alguns primos meus me desprezavam nas brincadeiras, e outros debochavam dos meus olhos. Sabem como é, né? Glaucoma, um olho azul, um pouco maior do que o outro e, às vezes, na claridade muito forte, fica um pouco branco.

Lembro que no Instituto Benjamin Constant eu ainda consegui enxergar um pouco, porque a professora me dava desenhos, e eu consegui decorar perfeitamente. Mas foi rápido para eu perder o que restou. E foi mais uma tristeza, eu detestava a ideia de ter perdido a visão e, até hoje, confesso, não aceito muito não, mas é a vida.

Fui para o processo de alfabetização do braille, com a professora Luzia Anatildes. Confesso para vocês que no início eu detestei o braille.

Eu gosto muito dessa professora até hoje, porque ela me ensinou um método de estudar, um método para ler que eu não esqueço até hoje. Hoje em dia, amo o braille, mas, ainda recordo quanto foi difícil decorar cada ponto, cada letra, ler o alfabeto e aprender a fazer números. Mas finalmente eu aprendi e com o braille segui os meus estudos. Fazendo provas, exercícios escolares e lendo livros da biblioteca.

Agora eu sei a importância do braille e digo para vocês que é uma experiência única. Se você estiver passando pelo que eu passei, não fique sofrendo com desprezo e deboches pela falta da sua visão. Se alfabetize em braille, leia cada ponto, cada número, cada palavra, cada expressão numérica, sinta o que eu senti, a liberdade de poder estudar.

Aos meus 23 anos, nasceu a minha filha Alice, e hoje ela tem dois anos. Na pandemia, não consegui concluir meu ensino médio e, hoje, sigo com duas filhas, uma de dois anos e a outra de 4 meses. Não fique aí achando que eu estou achando mil maravilhas, não me arrependo de ter minhas filhas, longe de mim, mas sinto falta de estudar e sinto muita falta de ler cada letrinha.

Quando chegou aos meus ouvidos que ia estar disponível para recebermos livros em casa, eu fiquei muito feliz. Estava na minha segunda gravidez, um tédio enorme de não poder sair, de não poder dançar e de nem poder ler. Até porque não tinha o que ler, a não ser caixas de congelados de supermercado. Quando consegui me inscrever e receber o primeiro livro, fiquei muito feliz, foi a melhor coisa para mim.

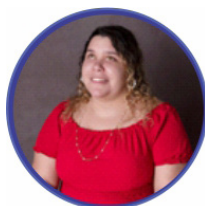
Por meio do braille, sou o que sou hoje em dia, mais madura, vencedora e realizada. Ler não é uma obrigação, e sim um incentivo. A leitura é um marco na minha vida, porque ela me salvou do medo, da tristeza e do desprezo.

Depois que aprendi braille, nunca mais derrubei uma lágrima por alguém se referir a mim somente como uma cega e não lembrar

que eu sou um ser humano com sentimentos e vontade de aprender. Que o braille continue existindo por muitos e muitos anos, para que lá na frente, caso algum de nós tenha uma filha ou um filho com deficiência visual, eles possam conhecer o braille e, principalmente, o Instituto Benjamin Constant, que é um colégio excelente e exemplar.

Minibio: Tem 25 anos, nascida no Rio de Janeiro em 1999. Contou um pouco da luta e da batalha que a sua mãe teve com os filhos, principalmente com ela. Hoje, é mãe de duas filhas, que não possuem deficiência visual. Gosta de música sertaneja e estudou no Instituto Benjamin Constant.

Entre livros e malas de viagem



Isabela Rocha Eugênio

Descrição: Fotografia de uma mulher branca, cabelos claros, usa uma blusa vermelha, um colar dourado e está sorrindo.

Eu sempre fui apaixonada por histórias. Quando criança, gostava de imaginar que era capaz de entrar e mesclar-me às personagens. Navegar na canoa rumo à Ilha Perdida, por exemplo, ou cavalgar como a Bela em busca de seu pai e em direção à casa da misteriosa Fera.

Desde muito nova, aprendi que as vozes que contavam histórias eram, ao menos naquela época, minha principal ponte para o universo literário. Embora meu contato com o braille tenha chegado cedo, aos quatro anos, o acesso a livros nesse sistema de leitura era quase nulo. Os audiolivros estavam mais próximos, guardados em fitas antigas ou nos modernos CD. Isso foi suficiente, por um tempo. Mas foi na adolescência que compreendi, com certa angústia, a falta que a leitura tátil me fazia.

Lembro-me de uma viagem com minhas primas. Saímos cedo de uma cidadezinha no interior de São Paulo rumo à capital goiana. Passamos mais de doze horas dentro de um carro, atravessando estradas, com as janelas embaçadas pela respiração e pelos sonhos. Cada uma delas com um livro no colo, mergulhadas em histórias, em personagens, em mundos distantes para passar o tempo. Os livros eram seus companheiros de viagem. Eu ali, no mesmo banco, mas em outro lugar; um lugar de silêncio e certa solidão.

Percebi, naquele dia, o quanto eu queria folhear páginas. Queria ouvir aquele som leve e crocante de papel virando, queria sentir o cheiro de história antiga, de tinta e sonho impresso. Mas não tinha acesso a livros em braille. Queria ter as mesmas possibilidades que elas, mas não tinha. As palavras me escapavam como água entre os dedos. Enquanto elas viajavam para dentro de romances e aventuras, eu viajava para dentro de mim — e era solitário. Elas suspiravam de surpresa, emoção, indignação. Eu suspirava de tédio.

O tempo passou, e o que era ausência foi, aos poucos, sendo preenchido. Hoje, o Clube do Livro em Braille me devolve aquilo que me faltava: o direito ao toque que ensina, que emociona, que leva para lugares diversos e inexplorados até então. Os livros em braille chegaram às minhas mãos como cartas escritas só para mim. Agora, minhas mãos leem. Meus dedos percorrem os contornos das palavras com encanto, com entusiasmo. O aroma das páginas me alegra; tatear as linhas é empolgante. Já sei que, na próxima viagem, não estarei sozinha. O peso do livro na mala fará toda a diferença.

A leitura tátil não é apenas uma forma de acessar conteúdo. É um gesto de pertencimento. É quando o mundo se dobra, se molda e se inscreve no ritmo dos meus dedos. Cada página que toco é um universo que se abre. E cada ponto em relevo é uma palavra que me diz: “Você também pode; você também está aqui”.

Eu não quero apenas ouvir livros. Quero tocá-los, senti-los, me demorar neles. Quero ser parte desse mundo tão sublime que a leitura proporciona. Agora eu sou, agora eu posso.

Minibio: Tem 28 anos e atualmente reside na cidade de Presidente Prudente, interior de São Paulo. É jornalista por formação, com especialização em Língua Portuguesa; engenheira de software, com foco em testes de acessibilidade; e aspirante à escritora por paixão nas horas vagas.

O Clube do Livro em Braille



Josiane Barbosa

Descrição: Fotografia de uma mulher branca, cabelos castanhos e amarrados para trás, usando uma blusa de fundo preto com flores.

Com quase um ano de existência, o Clube do Livro em Braille tem levado as pessoas cegas e com baixa visão à literatura de qualidade, contribuindo assim para a popularização da escrita braille, que para nós, pessoas com deficiência visual, é muito importante.

O braille ainda é a principal forma de alfabetização das pessoas com deficiência visual e, por isso, o Clube do Livro em Braille também ajuda no desenvolvimento da percepção tátil. A grafia em braille permite ao cego o desenvolvimento da sua autonomia, o melhoramento do aprendizado e o aumento da sua capacidade psicossocial. E é justamente por isso que o Instituto Benjamin Constant, por meio do CLB, tem ajudado no processo de inclusão, leitura e, conseqüentemente, no combate ao capacitismo, com *lives* sobre o livro em comum; bate-papo com o autor, em que o autor responde perguntas e curiosidades de membros do clube, promovendo assim a interação entre os integrantes, contribuindo para o enriquecimento cultural das pessoas com deficiência visual.

Por todos os aspectos apresentados anteriormente, podemos perceber a importância do Clube do Livro em Braille na valorização das pessoas com deficiência visual.

Minibio: Tem 26 anos, é pessoa com deficiência visual (com baixa visão). É de Fortaleza/Ceará. Escritora, membro do Clube do Livro e estudante de Letras na Universidade Federal do Ceará.

Poucas letras, muitas histórias



Luzia Lima

Descrição: Fotografia do rosto de uma mulher branca e cabelos loiros.

Apenas três letras e muitas histórias. São tão somente, consoantes, porém, alguém poderia afirmar que elas apresentam inúmeros significados que nos aproximam do saber. Desse modo, o Instituto Benjamin Constant apresenta a nós, pessoas com deficiência visual, uma gama de conhecimentos que nos são agregados por meio de seu magnífico Projeto: O Clube do Livro em Braille, ou CLB, as três letras que nos oferecem a chance de obtermos bibliografias em braille, que antes não eram assim tão acessíveis pela falta deste material em editoras ou em outros estabelecimentos comerciais. Por isso, agradecemos a iniciativa de importância imensurável.

Nesse sentido, por meio desse projeto maravilhoso, podemos mergulhar em histórias de pessoas incríveis, como Lima Barreto, com seus contos, entre tantos outros, permitindo que nós, tateando ponto a ponto, desvendamos seus contos, poemas, e literaturas inimagináveis.

Ademais, as três letrinhas desse clube, tem para mim um significado um pouco diferente, os quais descrevo logo abaixo:

C de carinhosamente, nos apresenta o fascínio do toque em cada ponto que nos revela um conto.

L de luz, iluminando nosso saber com seus pontinhos iluminados, conduzindo-nos ao prazer de ler, sonhar e imaginar histórias fascinantes.

B de brincar com as letras, sentindo uma a uma com as pontinhas de nossos dedos, conduzindo-nos a um universo de novos horizontes e conhecimentos diversos, inclusive a literatura infantil como O Pequeno Benjamin, um ratinho muito engraçadinho.

Assim é o nosso maravilhoso Clube do Livro em Braille, um espetacular mergulho no mundo encantado dos contos e histórias, que nos leva ao prazeroso gosto pela leitura, permitindo-nos tatear o saber, desvendando pouco a pouco cada ponto de seu conto.

Obrigada, Instituto Benjamin Constant, por fazer parte de nossa vida, dando-nos o privilégio de tatearmos novas e belas histórias.

Minibio: Pedagoga; atua no Atendimento Educacional Especializado. Casada e mãe de duas filhas. Apaixonada pelo Sistema Braille.

O Clube do Livro em Braille e a importância da leitura tátil para as pessoas cegas



Marcos Vinícius Amaral Coelho

Descrição: Fotografia de um homem pardo, cabelos curtos, usando uma camisa vermelha. Ele está sentado ao lado de uma criança.

A leitura é uma fonte de aprendizados infinita, podendo trazer para todos tudo aquilo que não possuímos.

Podemos viajar para a época medieval, em que guerreiros batiam espadas em escudos, clamando por guerras orientadas por todo tipo de deus que acreditavam. Podemos chorar ao contemplar Romeu se matando por acreditar que sua amada Julieta estava morta. Essa cena semeia no coração de cada um a pequenina semente que ao longo do tempo vamos conhecendo em seu germinar mais delicado, enchendo-nos de amor. Podemos encontrar seres sobrenaturais, seres que possuem toque gelado como um cadáver, uma voz rouca e profunda, ou mesmo uma pele verde áspera como uma lixa. Podemos viajar por todo mundo, conhecermos lugares fora de nosso alcance, seja pela triste realidade de não podermos conhecer, seja por só existir nas páginas de um livro.

O Clube do Livro em Braille traz para toda uma comunidade de pessoas com deficiência visual uma mão cheia de aventuras e mistérios. Nele, cada capítulo é um livro novo; cada parágrafo, um conhecimento para a vida toda; cada palavra pronunciada — seja ela em voz alta ou mentalmente — é o começo de um novo mundo, cujas regras estão na imaginação.

É claro que há regras de pontuação, gramática e outras coisas. Porém, quanto mais lemos, mais mergulhamos nessas regras que naturalmente vamos aprendendo onde colocar uma vírgula para isolar um vocativo, dar uma pausa para respirar; onde colocar um ponto final ou uma exclamação, enfatizando nossas palavras cada vez com mais intensidade e emoção. Falar, escrever e ler não são tão diferentes. À medida que lemos, percebemos isso; valendo, também, para falar e escrever.

É por isso que gosto de ler, gosto de escrever. O Clube do Livro em Braille me trouxe — e acredito que para todos — a possibilidade de melhorar tudo em minha vida, seja a minha pessoa como a minha leitura, porque sentir os pontinhos sobre meus dedos traz uma sensação diferente de ouvir um sintetizador ou uma pessoa lendo. É claro que todo tipo de leitura é válida, mas se quiser aprender de tudo, é preciso fazer todos os tipos. Muito obrigado.

Minibio: Nasceu em 5 de janeiro no ano de 2000, no “bug do milênio”. Desde criança, ouvia histórias contadas por sua mãe, não era muito frequente, mas foi o suficiente para adquirir um certo gosto pela leitura. Aos oito anos perdeu a visão por adquirir leptospirose. A doença fez ele perder parcialmente a audição do ouvido esquerdo. Aos 11 anos, passou a ter aulas de poesia na escola. Aos 13 anos, passou a querer escrever histórias; sempre foi fascinado pelas histórias contadas por Júlio Verne e Mark Twain. Ao longo de 2016 a 2019 — durante o Ensino Fundamental — criou algumas, as quais recitava no Sarau do Instituto Benjamin Constant. Fez o Curso Técnico em Artesanato integrado ao Ensino Médio também no IBC, tendo como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), cinco poesias, para as quais simbolicamente construiu uma peça de argila para cada uma. Segue no mundo como desenvolvedor de sistemas — ou, como costuma brincar, “garoto de programa”.

O Clube do Livro em Braille e a importância da leitura tátil para as pessoas cegas



Mariana Rodrigues Correia

Descrição: Fotografia de uma mulher negra, cabelos compridos e encaracolados, usa óculos e veste uma blusa de fundo preto com flores brancas.

Este relato aprofunda-se na importância fundamental da leitura tátil, como um pilar para a alfabetização, a conquista da independência, o desenvolvimento cognitivo e o acesso abrangente à informação para indivíduos cegos. A leitura tátil transcende a mera decodificação de texto; ela se estabelece como um portal indispensável para a participação plena na sociedade e para o desenvolvimento pessoal contínuo.

O braille, um sistema inventado por Louis Braille na década de 1820, foi concebido com o propósito de permitir que pessoas com deficiência visual lessem e escrevessem com a mesma eficácia que seus pares videntes. Apesar de sua invenção ter ocorrido há mais de 200 anos e da evolução constante das tecnologias assistivas, o braille permanece como uma ferramenta de vital importância, atendendo milhões de pessoas globalmente em suas necessidades de leitura e escrita.

Braille é um sistema de escrita e leitura tátil universal, estruturado em um arranjo de seis pontos em relevo na “cela braille”, que permite a formação da escrita braille que chega aos seus destinos distintos. As pessoas cegas podem ler e se expressar em todas as línguas que utilizam o alfabeto ocidental.

A abrangência de conteúdo do Sistema Braille vai além de textos gerais. Ele é adaptável para anotações científicas, partituras e músicas estenográficas, bem como para representações em forma de escritas e números em braille. Para otimizar a leitura e a escrita, o braille é empregado em diferentes graus, visando reduzir o volume dos livros e aumentar a eficiência da leitura. O braille pode ser utilizado com ferramentas simples e práticas, como a reglete e o punção, que são equivalentes ao lápis e papel para pessoas cegas, além disso, o desenvolvimento da informática tornou a comunicação cada vez mais inclusiva para pessoas com deficiência visual, e o braille é plenamente compatível com suportes tecnológicos e modernos, como *displays* braille atualizáveis e *notakers* braille, que permitem o acesso a centenas de livros digitais.

A menção simultânea de ferramentas tradicionais como a reglete ou a punção, a compatibilidade com suportes tecnológicos existentes e braille atualizável na tela revelam a posição única do braille. Ele não se limita a um único meio, mas atua como uma interface universal para a linguagem escrita, adaptável em formatos físicos e digitais. Isso significa que os usuários do braille podem interagir com as informações tanto em formas tradicionais baseadas em papel quanto em dispositivos eletrônicos de ponta, proporcionando flexibilidade e continuidade em sua jornada de alfabetização. Essa adaptabilidade torna o braille uma ferramenta de alfabetização à prova de futuro, garantindo que indivíduos cegos possam participar da era digital sem perder os benefícios fundamentais da leitura tátil. Essa integração é vital para assegurar o acesso equitativo à informação em um cenário tecnológico em rápida evolução, reforçando que o braille não compete com a tecnologia, mas é, por ela, aprimorado.

O Clube do Livro em Braille promove empoderamento por meio da independência e desempenha um papel fundamental no desenvolvimento e aperfeiçoamento para a vida diária, permitindo que indivíduos cegos realizem tarefas cotidianas com maior independência e confiança. Isso inclui atividades essenciais como ler rótulos de

produtos e instruções, gerenciar finanças pessoais e interagir com informações impressas em espaços públicos — por exemplo, sinais em relevo para orientação em braille. A leitura tátil permite o engajamento ativo com a linguagem escrita em todos os níveis, incluindo ortografia, pontuação e formação. O Clube do Livro em Braille nos mostra que ler e escrever em braille nos levam a lugares que nunca estivemos por meio da leitura tátil, aumenta a autoconfiança e até mesmo a escrita de cartas, artigos, textos, anotações, porque a leitura nos leva a essa magnitude.

A percepção tátil de pontos e padrões, em vez do reconhecimento de formas inteiras de letras, exige habilidades cognitivas distintas, porque o nosso cérebro cria hábitos de leituras em braille e também de escrita em braille, ambos fundamentados em processos perceptivos, cognitivos e linguísticos subjacentes. Isso oferece uma via única para estudar esses processos independentemente da entrada visual. Esse argumento de que o braille deve ser estudado “por si só” e que “fornece percepções positivas e frutíferas sobre percepção e cognição” sugere que ele não é apenas um método de leitura alternativo, mas um caminho único para a compreensão de processos cognitivos humanos. Com a capacidade de ler, de forma independente, por meio do braille, promove-se o desenvolvimento do pensamento crítico e das habilidades de resolução de problemas.

O Clube do Livro em Braille é um meio fundamental para o acesso à informação e à cultura, permitindo que pessoas cegas leiam os mesmos livros e publicações disponíveis para leitores videntes. Ele facilita a comunicação de informações importantes, promovendo competência, independência e igualdade. A leitura tátil, com o braille em seu cerne, é inegavelmente um pilar para a vida de indivíduos cegos, impactando positivamente sua alfabetização, independência, desenvolvimento cognitivo e acesso à informação.

O Clube do Livro em Braille proporciona uma experiência de leitura escrita, que vai além do acesso auditivo passivo, permitindo

um engajamento profundo com a estrutura da linguagem e o desenvolvimento de habilidade de interagir ativamente com o texto, percebendo sua estrutura e nuances, é um diferencial que as tecnologias de áudio, por mais avançadas que sejam, não conseguem replicar plenamente, solidificando o papel insubstituível do braille.

Minibio: Mãe de duas filhas, valoriza educação e superação desde a infância. Formada em Técnico de Enfermagem há 22 anos. Dedicou-se ao acolhimento de pacientes com deficiências visual e intelectual. Atualmente, busca a segunda graduação em Letramento Linguístico, com foco em Educação Especial, e participa de grupos de estudo e movimentos sociais, como a “Marcha das Mulheres Negras com deficiência”. Acredita no aprendizado contínuo e engajamento social como pilares para o desenvolvimento pessoal e profissional.

Clube do Livro em Braille: a incrível magia de pertencer



Natália Medeiros

Descrição: Fotografia de uma mulher branca, cabelos castanhos e longos, usa uma blusa preta e está sorrindo.

Toda vez que penso no meu fascínio pela leitura, tento me lembrar como e onde tudo começou. Recordo dos livros com cheiros e texturas, de vozes familiares e carinhosas que transformavam o vazio do papel em contos, fábulas e poesias. A passividade logo deu lugar à autonomia: como era bom ler para mim mesma, a sensação de controlar a cadência do que era lido, de sorver cada gole do conhecimento sem interferência. Ler sozinha era a base de um empoderamento que eu nem imaginava existir. Sempre quis participar de um clube do livro. Todo aquele charme de discutir obras, autores, toda a força de um coletivo expondo diferentes opiniões em rodas de conversa, entre cafés e chás.

Acontece que, cega desde nascida, tendo o braille como única forma de ler, não havia espaço para me tornar um membro. Ser só ouvinte? Nem pensar. Pertencer é ação, é muito mais do que apenas fazer parte.

Com o passar dos anos, o braille foi dando lugar às tecnologias digitais, mas ainda assim, não fazia sentido estar em um clube. Ler com fones de ouvido nunca foi uma realização pessoal, era somente um jeitinho de não perder os lançamentos, as notícias, as matérias acadêmicas.

Eis que, a despeito do digital, da grande novidade que é a inteligência artificial que tudo faz e a tudo responde, surge o braille — soberano, atual — mostrando a potência que é e que sempre será. Ressignificado, agora em formato de clube do livro, satisfazendo não só o meu, mas o desejo de inúmeras pessoas. Gente de todos os cantos do país, de diversas idades, com profissões tão distintas. Pessoas com um objetivo simples, mas que muitas vezes pode parecer tão distante: ler. Pessoas cegas que agora terão acesso às palavras escritas, à cultura, à literatura. Que vão, sim, falar com propriedade de quem está tocando as letras, cela por cela vivenciando experiências imersivas, visitando mundos e personagens desconhecidos.

Vão conhecer autores novos como Marcos Lima, ou reencontrar clássicos como Machado de Assis. Vão mergulhar em fantasias, em histórias felizes e inspiradoras. Vão ler para suas crianças e com seus adolescentes, estreitando relações.

Vão se encorajar a escrever suas histórias, pois seus imaginários estarão ricos de cenários e possibilidades ao lerem autores com deficiência.

A leitura engrandece, transforma, traz provocações, questionamentos. O braille nos liberta da ignorância do saber, do isolamento que é não entender as letras.

Esse gigante, que mais uma vez se propõe a desafiar pessoas, instigar ideias, juntar interesses, fortalecer laços em uma comunidade, vem reafirmar sua importância e necessidade.

Como um sonho possível, que o nosso braille resista poderoso. Que o clube seja nosso, que vozes cegas sejam ouvidas, que a literatura cega seja consumida. Que cada conquista dos nossos desejos seja celebrada e aproveitada.

Minibio: Mulher cega, mãe de três, carioca, escritora amadora, graduada em Psicologia e pós-graduada em Educação Inclusiva. Ex-aluna e ex-revisora de textos do IBC, hoje atua como analista de testes de acessibilidade. Braillista: ler em braille é sua paixão.

Por que o Clube do Livro em Braille faz a diferença?



Shelyda Machado da Silva

Descrição: Fotografia de uma mulher branca, com cabelos presos, vestindo uma blusa vermelha. Ela está sentada à mesa, com uma das mãos sobre um texto em braille.

Acredito que ler transforma vidas. É uma porta que se abre para novos caminhos, ideias e oportunidades. A leitura tátil, especialmente pelo braille, é essencial para que pessoas cegas tenham autonomia, acesso ao conhecimento e possam participar do mundo de forma plena, assim como qualquer outra pessoa. Para quem não enxerga, ler não é apenas um *hobby* — é uma forma de liberdade e conexão com o que acontece ao redor.

Infelizmente, ainda faltam livros em braille, principalmente em lugares com poucos recursos ou onde a acessibilidade não é prioridade. Por isso, é fundamental apoiar a produção e o acesso a esses materiais. Todos merecem a chance de descobrir histórias, aprender e crescer.

Quando uma pessoa cega passa os dedos pelas letras, números e sinais em relevo, ela não está apenas reconhecendo símbolos — está vivendo a história de maneira única, absorvendo o conteúdo profundamente. Isso contribui muito para que ela possa estudar, trabalhar, se comunicar e participar da vida social, da mesma forma que quem enxerga. Além disso, é uma forma de ampliar horizontes, fortalecer a autoestima e perceber que, apesar dos desafios, é possível sonhar alto e realizar grandes conquistas.

O clube vai muito além de simplesmente disponibilizar livros. É um espaço de encontro, troca de ideias, construção de amizades e fortalecimento da identidade. No clube, incentivamos o hábito de ler em braille e valorizamos esse sistema como uma forma legítima e poderosa de comunicação.

Ele também desempenha um papel importante no combate ao isolamento, algo comum quando falta acessibilidade. Todos se sentem acolhidos, ouvidos e parte de uma comunidade maior. Além disso, participar das rodas de leitura e debates ajuda a desenvolver habilidades como interpretação de textos, pensamento crítico e confiança como leitor tátil.

Mais do que isso, o clube fortalece os laços sociais, promovendo diversidade e inclusão. É um espaço onde diferentes histórias, realidades e sonhos se encontram, e onde cada voz importa.

Por tudo isso, acredito que o Clube do Livro em Braille é uma inspiração para outras iniciativas e políticas públicas. Cultura e educação precisam ser acessíveis a todos, sem barreiras. Ler não deve ser privilégio — é um direito de todos. Esse projeto não é apenas uma ação cultural; é um símbolo de inclusão, respeito e esperança para um mundo mais justo e humano.

Por fim, fica o convite: venha conhecer, apoiar ou participar do Clube do Livro em Braille. Juntos, podemos fortalecer essa rede, espalhar mais conhecimento e fazer com que a leitura esteja cada vez mais ao alcance de todos.

Minibio: Nasceu em 29 de fevereiro de 1984 com catarata congênita. Logo após o nascimento, passou por cirurgias que a permitiram recuperar parte da visão por alguns anos. Porém, aos 9 anos, perdeu totalmente esse resíduo visual devido ao surgimento de um glaucoma extremamente evoluído. É mãe de um filho de 15 anos, que é a sua maior inspiração. Trabalha no Instituto Benjamin Constant, na Imprensa Braille, como revisora de textos em braille, profissão que permite viver diariamente sua paixão pelo Sistema Braille, esse recurso único de leitura e escrita para pessoas com deficiência visual. Também faz parte da equipe do Clube do Livro em Braille, incentivando a leitura e a inclusão. Acredita que cada texto revisado e cada livro acessível são sementes de transformação e autonomia para pessoas com deficiência visual.

Clube do Livro em Braille



Sirlene Caxias da Costa

Descrição: Fotografia de uma mulher branca, cabelo castanho e médio, usando uma blusa e um bolero azuis.

Com a era da globalização, tudo ficou mais fácil para as pessoas com deficiência, em especial, as que têm baixa visão e cegueira total.

Com a chegada do século XXI, houve um grande avanço nas tecnologias e não poderia ser diferente com o Sistema Braille, que ganhou profunda visibilidade com a criação do Clube do Livro em Braille que vai possibilitar o acesso à leitura de milhões de pessoas cegas do mundo, que há muito não contavam com essa iniciativa.

O CLB será um marco neste século, pois, até então, os cegos viviam sem possibilidade de praticar a leitura de seu interesse por falta de disponibilidade de obras a contento em tempo hábil, apesar do esforço das instituições existentes oferecerem gratuitamente alguns títulos que nem sempre é o que queremos.

Para tanto, esse projeto inovador vem nos dar a alegria de além de nos deliciar por meio da boa leitura, vem trazer a alegria de nos colocar em contato com pessoas cegas do mundo por meio da ferramenta do *WhatsApp* a fim de trocarmos ideias, estreitar laços de amizade e discutir sobre as obras lidas, ampliando assim a visão de mundo em construção e/ou já construída, bem como nos oferece a possibilidade de trocar as obras entre os membros, dando acesso ao máximo de possibilidades de leitura possível. Dessa forma o público cego terá maior possibilidade de inclusão contando com a possibilidade de escrever bem pelo muito que lê.

A inclusão é um movimento de celebração da diversidade, que busca desenvolver o sentimento de pertencimento de todos os indivíduos no espaço social, criando um ambiente onde todos cresçam em ajuda e apoio uns aos outros.

Tendo esta ideia em mente, nasce esse projeto, em que a educação inclusiva do Clube do Livro em Braille busca garantir a todos os estudantes e demais cidadãos a igualdade e equidade nas oportunidades educativas, criando espaços para o desenvolvimento destes, considerando as especificidades e potencialidades, incentivando a construção de um ambiente acolhedor para todos.

Esse projeto será uma excelente ferramenta para desenvolver habilidades de alfabetização, consciência fonológica e autonomia na escrita. A alfabetização e o desenvolvimento da ortografia são fundamentais para a aprendizagem de qualquer cidadão, no entanto, os cegos enfrentam desafios específicos nesse processo, como a ausência da referência das palavras e a necessidade de aprender a escrita e a leitura braille.

Diante disso, a leitura tátil vem sanar a lacuna que há muito tem sido um problema para esse público, impedindo-o de ler obras a fio como qualquer outra pessoa.

Em síntese, a leitura tátil por meio do Clube do Livro em Braille tem a importância de devolver aos cegos o prazer pela leitura e a escrita, tornando esta última possível com maior acerto, pois é pela ponta dos dedos que podemos decodificar a grafia das palavras e escrever com segurança os textos pensados.

Minibio: Mestre em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental pela Universidade Estadual da Bahia (UNEB), pós-graduada em Psicopedagogia pela Universidade de Pernambuco (UPE) e especialista em Atendimento Educacional Especializado (AEE) pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual de Pernambuco (UPE). Professora brailista do estado de Pernambuco e professora de AEE no município de Petrolina. Também ministra cursos na área de Tiflogia pelo estado de Pernambuco e no município de Petrolina.

A importância da leitura do Sistema Braille e a experiência do Clube do Livro em Braille



Tainara Batista

Descrição: Fotografia de uma mulher branca, cabelos castanhos e compridos, usa óculos escuros e veste uma blusa cinza.

Caros amigos do CLB, venho por meio deste texto lhes dizer qual é a importância da leitura tátil e as experiências que tenho com o CLB. Os autores do bate-papo com o autor nos contam experiências de vida muito interessantes e que nos levam a aprender muito com eles e a mergulhar nas leituras de seus livros, nos permitindo viajar em suas histórias e entender que todos nós somos capazes de realizar muitas coisas e que podemos ir além, mesmo com limitações. Vocês, do CLB, nos transmitem mensagens de alegria todos os dias, pois, às vezes, nós, cegos totais, nos sentimos desmotivados, porém, com vocês, nos sentimos mais motivados e juntos caminhamos lado a lado com a leitura que vibra em nossos corações.

A leitura do Sistema Braille é fundamental para nós, cegos totais, principalmente aqueles que estão começando no processo de alfabetização, pois é essencial para ter um bom domínio da escrita, da gramática e para sentir as palavras com as pontas dos dedos. Com a revolução tecnológica, as pessoas com deficiência visual estão perdendo o interesse por esse sistema que é tão importante na vida de um cego, mas não podemos deixar que isso aconteça. É por isso que vocês sempre nos incentivam a ler bons livros. Agradeço a todos vocês por nos proporcionar livros em braille em cada trimestre, impedindo que nos desinteressemos pelo sistema tátil.

Minibio: Tem 23 anos e mora na cidade de Bom Jesus do Itabapoana, estado do Rio de Janeiro. É pessoa com deficiência visual devido ao glaucoma congênito e descolamento de retina desde o nascimento. Começou a frequentar a APAE aos dois anos de idade e iniciou na escola regular com cinco anos, sendo esta privada. Fez o ensino médio na escola pública. Adquiriu o aprendizado da leitura e escrita em braille, de realizar cálculos matemáticos no sorobã e de utilizar instrumentos de escrita braille, tais como a reglete e a máquina Perkins, na APAE, com a professora Maria das Graças Fitarone. Atualmente está cursando o segundo período de Pedagogia na Universidade Estadual FAETER, em sua cidade.

O Clube do Livro em Braille



Vitória Aparecida Dauri de Moraes

Descrição: Mulher branca, cabelo preto e preso para trás, usa uma blusa branca com formas aleatórias em preto.

Nas mãos que sentem além do que os olhos alcançam,
palavras desabrocham em relevo suave,
pontos que dançam como constelações vivas,
histórias que o tato desvenda com cuidado.

Aqui não há escuridão, só luz de significado,
páginas que se abrem como portais infinitos,
onde letras se tornam estrelas
e linhas traçam rotas de liberdade.

No Clube do Livro em Braille, os dedos compreendem
a geografia íntima dos sonhos impressos,
o amor que se revela em pontos delicados,
a poesia que pulsa sob a ponta dos dedos.

Quem diz que um cego não lê
nunca sentiu a pele vibrar ao desvendar versos,
nem seguiu uma saga escrita na pele do mundo,
transformando o vazio em voz que ecoa.

Livros em braille são asas poderosas;
fazem voar mentes antes aprisionadas,
derrubam grades da ignorância,
entregam universos sem pedir licença.

Ler é direito sagrado, nunca esmola;
é luz que nasce não do fogo,
mas da coragem de quem toca
e transforma silêncio em sinfonia.

No Clube do Livro em Braille, cada volume é abraço acolhedor.

Não importa a escuridão lá fora:
aqui somos todos navegantes do conhecimento.

E se perguntarem por que amamos estes pontos,
diremos: "Porque ler é existir plenamente",
e nossas mãos são faróis que iluminam
caminhos que os olhos não veem.

Que nunca falte o papel sob nossos dedos,
e assim não faltarão páginas que resistam ao tempo e ao uso.
Que o braille seja sempre oceano; porto;
ponte e navio; tudo, menos ausência.

Pois quem lê com as mãos sabe
que o mundo é mais vasto e belo
do que qualquer visão poderia alcançar
e que cada ponto é portal para o infinito.

Minibio: Nasceu em 2003 e, desde então, vem trilhando uma jornada marcada por desafios, aprendizados e conquistas. Uma parte essencial da sua identidade é ser uma pessoa com deficiência visual, algo que, longe de limitar quem é, moldou sua forma de enxergar o mundo de maneira única e especial. Está apenas no início da sua caminhada como escritora, e este é um dos seus primeiros passos neste sonho que tanto a inspira. Dedica-se à defesa da inclusão e da equidade, trabalhando para sensibilizar as pessoas sobre as questões enfrentadas por quem tem deficiência visual. Seu desejo é contribuir para que o mundo se torne mais acessível, justo e acolhedor para todos.

Celebrando o primeiro aniversário do **Clube do Livro em Braille**, esta obra marca um momento histórico para a leitura tátil no Brasil. Resultado de uma iniciativa pioneira do Instituto Benjamin Constant, o CLB leva gratuitamente livros literários em braille a pessoas cegas de todo o país, formando uma comunidade vibrante de leitores e leitoras.

Com 19 textos selecionados entre as contribuições enviadas pelos sócios, este livro é mais do que uma coletânea: é um abraço coletivo feito de histórias, memórias e esperanças. Cada palavra em relevo carrega o toque e o coração de quem escreveu, celebrando a leitura como gesto de autonomia, afeto e liberdade.

Ao folhear estas páginas, o leitor é convidado a tocar histórias, sentir emoções e participar de um movimento que transforma a literatura em território acessível, inclusivo e cheio de vida.

Geni de Abreu e Hylea Vale

ISBN 978-85-67485-82-9



9 788567 485829

IBC
INSTITUTO BENJAMIN CONSTANT

MINISTÉRIO DA
EDUCAÇÃO

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO